

A construção histórico social da hospitalidade mineira e a percepção dos turistas que visitam Belo Horizonte

The social and historical construction of Minas Gerais hospitality and the perception of tourists visiting Belo Horizonte

La construcción histórica y social de la hospitalidad de Minas Gerais y la percepción de los turistas que visitan Belo Horizonte

Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira¹
Natasha Regina Vieira Fonseca²

Resumo: A hospitalidade é um traço intrínseco à humanidade, e diversas conceituações e abordagens expressam sua natureza ampla, complexa, por vezes, ambígua e paradoxal. Pesquisas recentes sobre nível de satisfação dos turistas que visitam a cidade de Belo Horizonte destacam a hospitalidade dos mineiros positivamente. Desta maneira, questiona-se: Qual a aceção de hospitalidade mineira para os turistas que visitam Belo Horizonte? Os objetivos foram: pesquisar o significado de hospitalidade para os turistas; identificar quais traços simbolizam a hospitalidade mineira; comparar esses traços com a construção histórico-social da afirmativa. A abordagem do estudo foi quantitativa, por meio de pesquisa bibliográfica e de campo. O instrumento de coleta de dados foi questionário tipo Survey. A análise foi executada via Microsoft Excel, e o software de análise qualitativo NVivo. Apoiados em alguns dos principais estudiosos da hospitalidade, os resultados apontam que a percepção de hospitalidade mineira para os turistas está associada a características culturais, ao ato de acolhimento, ao bem receber, à culinária mineira e à integração do turista ao meio visitado, o que se assemelha à construção histórico-social.

Palavras-Chave: Turismo; Hospitalidade; Mineiridade; Belo Horizonte.

Abstract: The hospitality is an intrinsic trait of humanity and several conceptualizations and approaches express its broad nature, complex, sometimes ambiguous and paradoxical. Recent researches about the level of satisfaction of tourists that visit Belo Horizonte city highlight the mineira hospitality positively. Thus, the question is: What is the meaning of Minas Gerais hospitality for tourists visiting Belo Horizonte? The objectives were: To research the meaning of hospitality for tourists; identify which trait symbolize the Minas Gerais hospitality; to compare these traits with the social-historical construction of the affirmative. The study approach was quantitative, through bibliographic and field research. The data collection instrument was questionnaire Survey. The analysis was performed by way of Microsoft Excel, and the qualitative analysis software NVivo. The results show that the perception of mineira hospitality for tourists is associated with cultural characteristics, to the welcoming act, to welcome, to the mineira cuisine and the integration of tourists into the visited environment, which is similar to the social and historical construction.

Key words: Tourism; Hospitality; Mineiridade; Belo Horizonte.

Resumen: La hospitalidad es un rasgo intrínseco a la humanidad y diversas conceptualizaciones y acercamientos expresan su naturaleza larga, compleja, por veces, ambigua y paradójica. Investigaciones recientes acerca del nivel de satisfacción de los turistas que visitan la ciudad de Belo Horizonte enfatizan positivamente la hospitalidad de

¹ Doutora pelo programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer/ UFMG. Subcoordenadora do Curso de Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do corpo docente do programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer e do curso de graduação em turismo da UFMG. Membro. ORCID: 0000-0001-5856-9724. E-mail: anapaulagsantos@yahoo.com.br.

² Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Minas Gerais. Técnica em Hospedagem pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. ORCID: 0000-0002-8518-7219. E-mail: natashavfonseca@gmail.com.

Minas Gerais. De esta manera, se cuestiona: ¿Cuál la acepción de la hospitalidad de Minas Gerais para los turistas que visitan Belo Horizonte? Los objetivos fueron: investigar lo significado de hospitalidad para los turistas; identificar cuáles rasgos simbolizan la hospitalidad de Minas Gerais; comparar estos rasgos con la construcción histórica y social de la afirmación. El método de la investigación fue cuantitativo, por medio de investigación bibliográfica y en campo. El instrumento de recolección de datos fue cuestionario tipo Survey. La análisis fue ejecutada vía Microsoft Excel y el software de análisis cuantitativo NVivo. Estructurado a partir de algunos de los principales investigadores, los resultados apuntan que la percepción de hospitalidad de Minas Gerais para los turistas está relacionada a rasgos culturales, al acto de amabilidad, a la buena recepción, a la culinaria de Minas Gerais y a la integración del turista al medio visitado, lo que se asemeja a la construcción histórica y social.

Palabras clave: Turismo; Hospitalidad; Mineiridade; Belo Horizonte.

1 Introdução

A hospitalidade é uma temática cujas raízes são profundas e associadas a contextos sociais distintos, e suas marcas estão presentes na história da humanidade. É estudada sob diversas óticas, e em diferentes áreas do conhecimento, como o turismo, por exemplo. Observa-se a existência de discussões e conceitos diversos que possibilitam o entendimento de que sua conceituação pode, por vezes, ser ambígua e paradoxal.

Mesmo com divergências de abordagens, de maneira geral, é possível dizer que a hospitalidade é um traço intrínseco à humanidade. Em algumas culturas este traço apresenta-se de maneira mais explícita que em outras. Considerando esse ponto de vista, o que pode ser dito de um país fruto do encontro de várias culturas e etnias?

No Brasil, observa-se uma herança das miscigenações culturais entre vários povos devido ao processo de colonização como traço da formação dos povos residentes. Essa, por sua vez, conferiu ao povo brasileiro inúmeras características, dentre elas, adjetivos como: descontraídos, informais e emotivos. Dentre os vários atributos destacados, a hospitalidade é um entre os mais lembrados pelos turistas – principalmente estrangeiros. Holanda (1936) explica que a receptividade está relacionada ao processo de formação multirracial e multicultural que torna o brasileiro mais aberto e hospitaleiro que outros povos.

Se o brasileiro é lembrado como hospitaleiro e cordial, é possível destacar um estado em particular que, devido ao seu contexto de formação histórica, foi moldado a ponto de apresentar características singulares que conferem à sua população o título de povo hospitaleiro: trata-se de Minas Gerais. Palco de importantes fatos da história do país.

Caracterizado desde o Brasil Colônia como “desconfiado, introvertido, irônico e proseador, o mineiro também é qualificado como hospitaleiro” (PORTES, 2016, p. 116). Ainda

hoje, Minas Gerais conserva o título de estado de povo hospitaleiro e, ao observar o desenvolvimento do turismo, influenciado por atrativos culturais, a gastronomia se destaca.

Em uma pesquisa realizada pelo Ministério do Turismo em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) no ano de 2014, a capital mineira recebeu destaque nas avaliações ao ser aprovada por 97,6% dos estrangeiros (MTUR, 2015). Além disso, de acordo com o Observatório de Turismo da Secretaria de Cultura e Turismo de Minas Gerais, o fluxo turístico aumentou significativamente entre os anos de 2015 e 2018.

Pesquisas sobre o nível de satisfação, realizada pelo Observatório de Turismo de Minas Gerais, entre os anos de 2010 e 2017, assinalam a hospitalidade mineira como destaque de avaliação de satisfação, sendo apontada em 2014 com nota 8,8, e em 2017 com nota 8,9 (SETUR, 2018).

Observando tais pesquisas que apontam para o crescimento anual número de turistas, o destaque das avaliações positivas da hospitalidade mineira, e dialogando-as com a afirmativa de senso comum de que os mineiros são hospitaleiros, questiona-se: Qual a aceção de hospitalidade mineira para os turistas que visitam Belo Horizonte? Para responder ao questionamento proposto foram estabelecidos os seguintes objetivos: pesquisar o significado de hospitalidade para os turistas; identificar quais traços simbolizam a hospitalidade mineira; comparar esses traços com a construção histórico-social da afirmativa.

2 Procedimentos metodológicos

Para a elaboração e desenvolvimento deste estudo, fez-se uso da abordagem quantitativa por meio das fases de pesquisa bibliográfica e de campo. Para Fonseca (2002, p. 20) “A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Esta considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros.” Na fase bibliográfica foi possível investigar e refletir acerca de diferentes contribuições científicas sobre o assunto, o que permitiu tecer comparações, bem como compreender os contrapontos. A reflexão teórica, apresentada na sequência, foi sustentada por alguns dos principais estudiosos/autores da área, como Derrida (2001), Montandon (2011), Camargo (2004), Chon & Sparrowe (2003), Lashley e Morrison (2004).

Na fase de campo foi realizado um estudo do tipo *survey*, que permitiu a coleta de dados e opiniões sobre o objeto definido pela pesquisa, ou seja, a hospitalidade mineira. Esse tipo de método viabiliza a formulação de questões com intuito de reunir dados e informações, sendo possível correlacionar o estudo teórico com a análise de dados. Para operacionalização do método, é possível empregar como instrumento de pesquisa questionários, formulários etc. (FINK, 1995). Para a realização desta pesquisa utilizou-se do questionário.

O período de aplicação do questionário cobriu um intervalo de tempo entre os meses de outubro e novembro de 2019. Estipulou-se como locais de coleta de dados os principais pontos turísticos de Belo Horizonte: o Mercado Central de Belo Horizonte, o Circuito Liberdade e ainda o Museu do Futebol no Estádio Mineirão. Esses pontos foram selecionados por serem localidades visitadas e consolidados como pontos turísticos em Belo Horizonte, localizados em diferentes regiões da cidade. Foram também aplicados questionários no Terminal Rodoviário de Belo Horizonte e no Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Confins, por serem locais com fluxo de turistas que têm como destino Belo Horizonte. Finalmente, foram aplicados questionários no III Seminário de Pesquisa em Inovação em Turismo, que aconteceu em Belo Horizonte no período de 30/10/2019 a 01/11/2019.

A amostra foi do tipo aleatória simples, sendo um total de 110 questionários validados para análise, representando a população-alvo do estudo.

Uma das dificuldades encontradas ao longo da aplicação dos questionários foi a não autorização, por parte da administração dos locais selecionados, para aplicação da pesquisa. Essa não autorização limitou o alcance da amostra definida por análise estatística.³

A análise dos dados se deu a partir da estatística descritiva, por meio do programa *Microsoft Excel*, onde foram tabuladas e organizadas as informações, a fim de contabilizar os dados e gerar gráficos expositivos para análise. Posteriormente, as respostas às perguntas discursivas foram analisadas com o apoio do *software* de análise qualitativa *Nvivo*, por meio do

³ Foi realizado um estudo para definição da amostra considerando o número de turistas identificados pelas pesquisas realizadas pelo Observatório de turismo e pela Secretaria de Turismo de Minas Gerais. Nesta análise, chegou-se ao número de 385 questionários.

estudo da frequência de palavras, com o intuito de ressaltar palavras-chave que contribuem para a análise da pesquisa em questão.

3 A hospitalidade e seus estudos

Conceituar a hospitalidade requer um esforço significativo devido ao caráter amplo e complexo aí imbricado. Antes mesmo do estabelecimento de uma definição, a temática já estava presente entre a humanidade, desde a Antiguidade e passando pelos diversos períodos históricos. Para Montandon (2011, p. 41) “nada é menos simples que a hospitalidade, cujas origens etimológicas lembram que ela está ligada a noções de poder e de igualização”. O autor compreende a hospitalidade como “sinal de civilização e de humanidade” (2011, p. 31) e, também, “uma maneira de viver em conjunto, regido por regras, ritos e leis”. Uma definição semelhante é apresentada por Camargo (2011, p. 15): “hospitalidade e hostilidade estão, portanto, imbricadas, e a hospitalidade torna-se, nessa concepção, o remédio contra a hostilidade”. Para ele, “analisar a hospitalidade, hoje, em qualquer circunstância, é desvelar o panorama ora de hospitalidade ora de inospitalidade (ou de hostilidade) que ronda as relações humanas” (CAMARGO, 2008, p. 37). É uma forma de relação humana que decorre de ação recíproca entre visitantes e anfitriões, e interligada aos diversos princípios que orientam a conduta de determinados grupos sociais que interagem entre si (PRAXEDES, 2004).

Com o passar dos anos e a modificação das necessidades, a temática passa a ser colocada sob vários prismas de observação e análise. Surgem correntes de pensamentos distintas sob as quais a hospitalidade como objeto de estudo é observada a partir de diferentes perspectivas. Camargo explica que há duas escolas de pensamento da hospitalidade, sendo elas:

A americana (...) para a qual tudo acontece como se da antiga hospitalidade restasse apenas a sua atual versão comercial, baseada no contrato e na troca estabelecidos por agências de viagens, operadoras, transportadoras e por hotéis e restaurantes (...). A francesa, que se interessa pela hospitalidade doméstica e pela hospitalidade pública e que têm na matriz maussiana do dar-receber-retribuir a sua base, ignorando a hospitalidade comercial (CAMARGO, 2004, p. 40).

De um lado temos a corrente do pensamento francês com Marcel Mauss, com a “Teoria Maussiana” de dar-receber-retribuir, seguido pelo filósofo francófono Jacques Derrida –

discípulo de Emmanuel Lévinas – que defende a ideia de Hospitalidade incondicional, e como um fato social total.

Partindo dessa premissa, Lévinas defende seu argumento a partir do “outro”: “É a relação com o outro, em como devemos aprender a destituir-nos de nossa subjetividade autocentrada para uma convivência devotada e sempre acolhedora do outro” (HADDOCK-LOBO, 2005 p. 52). Já para Jacques Derrida, a figura do hóspede remete a um estrangeiro, que representa um estranho e, por isso, requer certa reserva no acolhimento e a imposição de limites. Nota-se que há um contexto específico utilizado pelo autor para conceituar a hospitalidade. Para Derrida

[...] o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc. Estes lhe impõem a tradução em sua própria língua, e esta é a primeira violência. A questão da hospitalidade começa aqui: devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-los entre nós? (DERRIDA entrevistado por DUFOURMANTELLE, 2003, p. 15)

Para Derrida, a hospitalidade é tratada como algo incondicional: “A hospitalidade é infinita, ou não existe; ela é dada na acolhida da ideia do infinito, portanto do incondicional [...]” (DERRIDA, 1997 *apud* MONTANDON, 2011, p. 1001). No entanto, há uma linha tênue entre hospitalidade e hostilidade, o que gera uma ambiguidade. Essa hostilidade está ligada à ameaça de que o hóspede se torne um parasita ilegítimo, transformando a hospitalidade em hostilidade. A ambiguidade vem do fato de a concepção primária da hospitalidade se caracterizar por acolher o estranho, concebida como infinita e incondicional que requer a remoção das fronteiras que nos separam do outro, promovendo sua preservação sem aniquilá-lo. A hospitalidade encerra, portanto, um paradoxo, no sentido de que conteria em si uma lei incondicional e ilimitada.

A lei da Hospitalidade, a lei formal que governa o conceito de hospitalidade, aparece como uma lei paradoxal perversível e perversora. Ela parece ditar que a hospitalidade absoluta rompe com a lei da hospitalidade como direito ou dever, com o “pacto de hospitalidade”. Em outros termos, a hospitalidade absoluta exige que eu abra a minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provido de um nome de família de estatuto social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu lhe deixe vir, que o deixe chegar e ter um lugar no lugar que eu ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (entrada de um pacto) (...) (DERRIDA entrevistado por DUFOURMANTELLE, 2003, p. 27).

Os autores Bastos, Rameh & Bitelli (2016) explicam que, para Derrida, estabelecer uma lei da hospitalidade, definir um direito de hospitalidade, resulta na perda de sua incondicionalidade. A partir disso, Derrida propõe que a hospitalidade incondicional deve “abrir as portas a cada um e a cada uma, a todo e a qualquer outro, a todo o recém-chegado, sem perguntas, mesmo sem identificação, de onde quer que ele viesse e fosse ele quem fosse” (DERRIDA, 2001, p. 47). Esta deve ser uma hospitalidade que não obriga ou impõe.

Christiane Binet-Montandon ressalta a importância da acolhida apresentada por Derrida, que pode ser compreendida como um “fato como o momento inaugural e decisivo da hospitalidade: tal definição assinala de imediato a questão essencial das relações entre acolhida e tempo” (MONTANDON, 2011, p. 1171).

Ao refletir sobre esses autores, Camargo (2004) explica que, para Mauss, a hospitalidade não se trata de uma troca, mas sim uma chave explicativa das relações sociais arcaicas, onde a relação entre receber e retribuir era considerada uma dádiva, e geradora de dons e contradons.

Emerge, assim, a ideia de hospitalidade como solidariedade humana interligada ao caráter da dádiva, esta “assume sua face mais nobre na moral humana, a de costurar, sedimentar e vivificar o tecido social e coloca em marcha esse processo sem fim que alimenta o vínculo humano” (CAMARGO, 2004, p. 24). Por meio desta compreensão, Brusadin (2016) sugere que Camargo descobriu o DNA do vínculo Humano.

Na contramão desta corrente, a hospitalidade tratada sob o viés norte-americano percebe o tema como sinônimo de hotelaria. “O ponto de vista americano está centrado no aspecto mercantil para assim fazer sua análise da interação entre hóspedes e funcionários” (SANTOS, 2005, p. 5). Diferentemente da corrente francesa, a temática aqui possui caráter de troca monetária, vista como oportunidade de negócio.

Os autores Chon & Sparrowe (2003) resgatam a ideia de hospitalidade ligada à obrigação de receber o estrangeiro, servi-lo bem, tratá-lo com dignidade e alimentá-lo, observando a hospitalidade sob a ótica da prestação de serviços. “Hoje, como no passado, os principais componentes da indústria são aqueles que satisfazem a necessidade de abrigo e acomodação e aqueles que fornecem alimentos e bebidas a seus clientes” (CHON, 2003, p. 3). Para eles a hospitalidade é uma indústria – da mesma forma com que tratam o turismo como uma indústria. Por esse prisma, é relevante apontar que esta compreensão está associada a fluxos de produção e

oferta de produtos e serviços analisados sob a ótica do mercado e, por vezes, em uma visão reducionista. É preciso apontar que a hospitalidade, assim como o turismo, envolve questões sociais e culturais, e estudá-los tendo em vista apenas aspectos econômicos limita a sua multidisciplinaridade e complexidade. O risco de tratar esses termos como indústria é o de que esses conceitos tão amplos fiquem restritos à delimitação de um produto e mercado, ligado ao capitalismo e à mão de obra, e desse modo os fatores humanos não sejam plenamente considerados.

O ponto de vista americano está centrado no aspecto mercantil para assim fazer sua análise da interação entre hóspedes e funcionários. Daí as expectativas dos clientes em relação aos estabelecimentos de hospitalidade podem ser medidas pelo valor que é pago nestes estabelecimentos (SANTOS, 2005, p. 6). Assim, na perspectiva americana, o enfoque seria apenas em aspectos operacionais, na experiência dos hóspedes, em soluções gerenciais, serviços, em como os avanços tecnológicos influenciam a área (de maneira positiva ou negativa), administração de recursos humanos, entre outros assuntos. Para Santos (2005, p. 7), “tal perspectiva parece ser um desdobramento natural da realidade das empresas dos EUA e da cultura mais ampla do país”.

Outro movimento que busca pensar a hospitalidade vem de pensadores ingleses como LASHLEY & MORRISON (2004), que sinalizam os riscos de se pensar a área somente sob o viés econômico, compreendendo a importância de um estudo mais abrangente.

Eles partem do pressuposto e reafirmam que a hospitalidade não pode ser entendida nem ser tratada unicamente em função das características comerciais ligadas aos estabelecimentos hoteleiros e ao setor de restauração. Ela está relacionada, também e especialmente, com as formas de contato com pessoas, com a cultura do acolher (SANTOS, 2005, p. 11).

No Brasil, o autor Camargo sinaliza que “a hospitalidade é um rito de passagem e que tem a separação, o limiar e a integração” (BRUSADIN, 2016, p. 243). Camargo defende que o tema deve ser visto de forma heurística, ampliando os pensamentos científicos, e ainda trabalha o assunto a partir de quatro conceitos, sendo eles: relação interpessoal, virtude, ritual e troca (BRUSADIN, 2016, p. 246).

Considerando essas perspectivas, tratadas sob diferentes óticas, explana-se a compreensão de que a hospitalidade é uma temática complexa que envolve mais do que apenas

trocas monetárias. Esta é composta por inúmeros fatores relevantes que não devem ser esquecidos no âmbito científico, a fim de enriquecer a discussão sobre o assunto. De maneira que, para compreendê-la, deve-se evitar reducionismos e abranger vários estudos. Por isso a importância de estudos sob diversas óticas, para construção de conceitos mais holísticos e complementares.

4 A hospitalidade mineira na perspectiva histórica

Desde o desembarque de Cabral em solo brasileiro, esta terra passou a ser reduto de vários processos de pluralidade, tanto raciais quanto culturais, e essas transformações foram responsáveis pelo moldar do povo brasileiro. Um desses processos foi o de miscigenação, responsável não somente por características étnicas, mas também culturais. Para Freyre (2005) esse processo foi também responsável pela característica de democratização do Brasil. Para o autor, o brasileiro é um dos povos mais democráticos, plásticos e flexíveis. Além de Freyre, Sérgio Buarque de Holanda (1936) pontua o patriarcado e a ruralização como responsáveis pelo traço cultural da cordialidade do brasileiro advindo do processo de colonização.

Para Freyre (2005), a estrutura de latifúndios instalada no início da colonização é responsável pela estruturação da sociedade brasileira. As fazendas tinham grande importância na construção da sociedade que, ainda hoje, é perceptível. Essa estruturação – a partir do latifúndio – e a presença da escravidão, aliados ao catolicismo, propiciou uma relação entre europeus, indígenas e negros, gerando o processo de mestiçagem e o patriarcado.

Holanda (1936) traz em seu livro *Raízes do Brasil* a ideia de que o processo de colonização advindo dos portugueses era caracterizado pela extração de recursos naturais e pela ambição de enriquecimento rápido, ao contrário das colonizações anglo-saxônicas, que visavam as novas terras com objetivo de povoamento. As colonizações ibéricas não se preocupavam em se estabelecer, apenas retirar as riquezas e voltar à metrópole, ficando, assim, conhecidas como colonizações de aventureiros – que foram responsáveis por traços culturais do povo brasileiro. Uma das consequências desta ética de colonização dos portugueses foi o ruralismo e o personalismo. Para Holanda, estes traços foram responsáveis pela instalação do sistema de

patriarcado e valorização da afetividade nas relações públicas, o que ele chamou de “homem cordial”.

O homem cordial de Holanda (2006) é resultado da colonização ibérica em que se destacam traços como: “cultura da personalidade”, a “autonomia do homem”, “frouxidão das estruturas sociais” e a “falta de hierarquia organizada”. Sendo um povo mestiço e trazendo em seu cotidiano essa bagagem histórico-cultural, o brasileiro em sua essência lida com dicotomias como a “aceitação e rejeição, acolhimento e hostilidade, convivência e violência. A informalidade do brasileiro é fator de aproximação e que, em se tratando de hospitalidade, é elemento que favorece a troca e a dádiva” (FRANCO *et al.*, 2007, p. 6).

Assim, é possível dizer que a formação da sociedade e sua construção cultural torna a hospitalidade um traço comum ao povo brasileiro pois “a receptividade brasileira aos povos estrangeiros está ligada a uma formação multirracial e cultural que nos torna receptivo e hospitaleiro às demais raças e culturas” (HOLANDA, 1995 *apud* OLIVEIRA & MARTINS, 2009, p. 203).

Se no litoral brasileiro a extração de pau-brasil e os engenhos de açúcar eram a base da economia, por meio do sistema do *plantation*, em Minas Gerais a descoberta do ouro e outros metais de alto valor à época, caracterizariam, a partir dali, a construção de um estado singular, diferenciando-se na colônia não somente em sua estrutura econômica, mas também em seus aspectos sociais e culturais.

A promessa do enriquecimento fácil trouxe inúmeras pessoas para as minas, gerando um encontro de vários povos e etnias, intensificando a miscigenação na região. Já na metade do século XVIII, Minas Gerais se apresentava como principal centro econômico da colônia. Isso ocorreu devido ao rápido crescimento populacional e ao declínio da economia açucareira. Assim como em outros lugares do Brasil Colônia, a fundação de Minas Gerais também ocorreu sob a estrutura de uma sociedade patriarcal que destacava o personalismo.

A caracterização de Minas Gerais e sua construção sócio-histórica foram registradas pelos inúmeros relatos dos viajantes que ali chegavam. A partir disso, é possível dizer que os viajantes sempre fizeram parte da construção da história mineira: seja na fundação, seja em relatos sobre o cotidiano da época e paisagens. Infere-se que por isso a hospitalidade mineira é considerada um traço marcante desse povo desde os primeiros anos.

Em conformidade com Freyre, a autora Arruda destaca a importância das fazendas no cenário mineiro. A fazenda em si possuía muita representatividade como símbolo do seio familiar, símbolo de poder e local do pouso de muitos viajantes: “A fazenda mista encontra-se difundida por todo o território das Gerais (ARRUDA, 1990, p. 161). Era a representação microsocial da sociedade mineira: o casario, a capela, o pomar, as hortas e pequenas criações para abastecimento interno e vizinho, além da senzala. É definida por Arruda (1990, p. 151) como “o núcleo vital e definidor da economia mineira” e “as cidades como extensões da vida rural”. As fazendas também são citadas por viajantes que ali pediam pouso durante as viagens, e estes foram alguns dos responsáveis pela construção histórico-social do caráter hospitaleiro do mineiro.

A culinária, também comumente associada à hospitalidade mineira, vem dos inúmeros relatos dos viajantes. “A cozinha desempenhou um papel fundamental na mediação do domínio íntimo com o domínio da rua, num universo onde o convívio social era restrito a festas religiosas obrigatórias e àquelas que se realizavam entre quatro paredes, no íntimo do lar” (ABDALA, 2007, p. 38). Para Pires (2017, p. 409) “A fartura de víveres possibilitava a hospitalidade e por vezes até o esbanjamento. A função simbólica da alimentação, muitas vezes, ultrapassa o valor nutritivo dos alimentos. Assim como em outras culturas, para o mineiro, a falta de alimentos para servir os hóspedes era motivo de desonra e vergonha. Partindo dessa premissa, observa-se que o fato de Minas Gerais ser mais distante do litoral do que outras capitânicas fez com que o abastecimento fosse mais difícil e, assim, os mineiros usavam como subsistência outros alimentos, adquirindo hábitos como o plantio de hortas e pomares – utilizando conhecimentos deixados pelos indígenas, e de pequenas criações como frangos e porcos.

A hospitalidade mineira é lembrada por “acolher os visitantes com cortesia, com boa conversa, além de ‘empanturrá-los de comida’ (MAGALHÃES & PIRES, 2008, p. 188). A mesa mineira era sempre farta perante um visitante, como relata o viajante John Wells:

A mesa apresentava uma visão interessante; em frente de cada um, estava um prato de sopa quente, e sobre a mesa havia quentes, frios e mornos: perus, frangos, patos, leitões, mocotós, carne de vaca, peixe frito, presunto, enormes pratos com tomates, feijões, farinha, batata doce, abóbora, mandioca salgada e doce. Espalhados entre os pratos havia frutas, doces, conservas, garrafas de cerveja, vinho, conhaque e cachaça (WELLS *apud* ARRUDA, 1990, p. 178).

Os autores Halfeld e Tschudi (1998, p. 107, *apud* Pires, 2017, p. 409) ressaltam que o “mineiro também se distingue de seus compatriotas por um caráter mais aberto e confiável; e sua hospitalidade é proverbial”.

Da miscigenação, advinda dos vários povos que aqui se estabeleceram, os mineiros herdaram algumas características que foram definitivas na construção da identidade regional, também compreendida como mineiridade.⁴ Para Iglesias (1985, p. 164-165), “diversas culturas, como a dos africanos, portugueses, judeus vindos do norte de Portugal, baianos, pernambucanos, bandeirantes paulistas, sulistas, todos de passagem em busca do ouro, deixaram suas heranças na mineiridade”. Por exemplo, dos judeus – também chamados de cristãos novos – veio a fama de pão duro, econômico e desconfiado. Como muitos judeus tiveram de se converter ao catolicismo, os ritualismos católicos aqui ganharam novas formas. Dos negros, a culinária, o conhecimento minerador, as crenças religiosas, que devido à perseguição da Igreja Católica incorporaram-se ao catolicismo, criando uma religião puramente brasileira como o candomblé, além da incorporação da linguagem e das práticas de curandeirismo, benzeção. Em consequência, as festas e rituais religiosos em Minas Gerais são muito particulares por mesclarem sagrado e profano, de maneira que seus ritos são diferentes dos demais estados.

Outro interessante aspecto do mineiro já citado por Holanda é o personalismo. Apesar de ser caracterizado como arredo e desconfiado, o mineiro também é qualificado por sua informalidade no tratamento para com as pessoas de fora: um simples ato de compra e venda era marcado pela ideia do mineiro de que precisava ser amigo do cliente. Outro exemplo desse personalismo é o uso do prenome em lugar do nome de família. Quanto à forma de tratamento, quanto mais destaque social, melhor era tratada a pessoa. Todos esses aspectos constitutivos observados ao longo da história de Minas Gerais, por meio de seu processo de povoamento, de

⁴ O termo Mineiridade é polissêmico (REIS, 2007). Pode ser entendido como formas de expressão múltiplas e variadas. “(...) encontram-se nos modos de falar, nos diferentes padrões de comportamento, nas características distintivas das diversas regiões componentes do Estado de Minas Gerais. Essa multiplicidade, que tem como uma de suas causas a extrema diversidade das populações que, originalmente, o povoaram” (AUGUSTO, 2007, p. 16). Embora o presente artigo contenha elementos alusivos à mineiridade, optou-se neste trabalho por adotar o termo *hospitalidade mineira*.

miscigenação e de encontros multirraciais gerou como consequência uma cultura e uma sociedade que se diferenciava de todo o resto do Brasil.

Pode-se dizer que o contexto do povoamento do estado fez com que as pessoas que aqui moravam convivessem com a diversidade cultural, com a presença constante de viajantes e do contato entre uns e outros. Esse fato, aliado ao personalismo advindo da ética de colonização portuguesa, fez com que a hospitalidade possuísse caráter informal e fosse permeado de gentileza, no entanto, envolto em uma amálgama de ritualismo e interesse.

Ao relacionar as características que demarcam a mineiridade aos estudos da hospitalidade, é possível inferir que o mineiro, por conviver com viajantes, possui como característica cultural acolher muitas culturas, no entanto, a hospitalidade retratada pelos viajantes está cunhada no dever cristão mesclado ao interesse ao receber o viajante europeu, o viajante de renome e posses, marcado fortemente pela característica da mesa farta.

Assim, criou-se a imagem de que os mineiros são um povo hospitaleiro. E esta característica perdura nos dias de hoje. Para os turistas, a hospitalidade recebida em Minas Gerais se difere de outras regiões do país, o que fica evidente nas recentes pesquisas de nível de satisfação dos turistas, e será discutida no item a seguir.

5 A hospitalidade mineira na perspectiva dos turistas

As informações descritas e analisadas neste item foram alcançadas por meio da sistematização dos dados da amostra validada para esta pesquisa – 110 questionários.

Observa-se a significativa representatividade do gênero feminino, perfazendo 63% dos respondentes, e 37% do gênero masculino. A faixa etária foi distribuída entre as variáveis apresentadas, mas há uma predominância do público considerado adulto jovem, sendo 42% entre a idade de 26 e 35 anos, 38% na faixa etária entre 18 e 25 anos, 9% entre 36 e 45 anos, 6% entre 46 e 55 anos e 5% entre 56 e 65 anos.

Quanto à origem, observa-se a predominância da região sudeste, com destaque para as cidades de São Paulo – SP e Rio de Janeiro – RJ, e também da região sul, destacando Ponta Grossa – PR. Registra-se, também, turistas de origem estrangeira, com destaque para Estados Unidos, Argentina, Paraguai, Uruguai e Espanha.

Duas variáveis significativas para compreender a percepção dos entrevistados são a frequência de visita à cidade e a motivação. Os dados assinalam taxas de retorno expressivas, 71% quando somadas as possibilidades, distribuídas da seguinte forma: 36% visitam a cidade uma vez ao ano; 15% de 2 a 3 vezes ao ano; e 20% com frequência. Quanto à motivação, observa-se a relevância dos laços sociais, pois a “motivação férias com amigos ou familiares” obteve índices positivos e um dos mais altos (36%). Contudo, a motivação “negócios e eventos”, quando somadas as possibilidades expressas no questionário foi a de maior relevância no contexto da amostra pesquisada, reafirmando a significativa participação desse segmento no turismo da cidade, e também do retorno, pois 15% visitam a cidade de 2 a 3 vezes ao ano; e 20% vêm à cidade com frequência. Ao observar esses dados sob o ponto de vista do turismo e da geração de fluxos, pode-se inferir que o turista que visita Belo Horizonte vivenciou outras experiências no destino, e decidiu retornar. Isso sinaliza que o destino tem obtido êxito na fidelização. Um dos motivos que favorece o retorno pode ter associação direta com a hospitalidade mineira. Ao observar esses mesmos dados por outra perspectiva, pondera-se que o expressivo índice de retorno dos turistas entrevistados favorece a construção de uma percepção mais consolidada na mente dos mesmos sobre a temática central da pesquisa – a hospitalidade mineira.

Conforme reflexões apresentadas anteriormente, a hospitalidade é estudada sob diversos pontos de vistas e orientações teóricas (como Mauss (2003), Derrida (2001), Chon & Sparrowe (2003), Lashley & Morrison (2004) e Camargo (2004; 2011)). Contudo, algumas variáveis são significativas, e estão presentes nas diversas correntes teóricas, sendo elas acolher, alimentar e entreter, abrangendo evidentemente os diferentes significados e compreensões em cada uma delas. A pesquisa procurou captar como era apreendido o termo para os turistas. Dessa forma, para a operacionalização, o questionário ofereceu uma série de possibilidades que visavam uma melhor compreensão da perspectiva dos sujeitos. Uma das possibilidades era a marcação de variáveis previamente definidas, outra, a manifestação espontânea dos entrevistados, e ainda uma avaliação por escala *likert*. O acolhimento foi uma variável expressiva nas três formas de análise, pois foi associado à compreensão de hospitalidade com os seguintes índices: 54% concordam totalmente e 14% concordam parcialmente. Nas citações espontâneas, 45% dos entrevistados citaram as palavras ‘acolhimento’ ou ‘acolher’. O mesmo índice é apurado ao associar as variáveis acolhimento (18%); hospitalidade (16%) e recepção (11%). Por meio desses resultados

é possível afirmar que os turistas entrevistados associam o ato de acolher com hospitalidade, e apontam essa característica como uma qualidade do anfitrião. As palavras ‘recepcionar’, ‘receber’ e ‘recepção’ também foram destacadas em 27% das respostas dos entrevistados e associadas à variável acolhimento.

Na avaliação pela escala *likert*, foi apontado como ‘característica do ser humano’ em 34% das respostas que concordam totalmente e 21% concordam parcialmente, sendo, portanto, observados maiores índices que o primeiro termo. A associação a ‘traço cultural’ recebeu 31% de respostas que concordam totalmente, 17% concordam parcialmente. Por conseguinte, característica do ser humano e traço cultural estão intrinsecamente ligados às definições dadas pelos turistas anteriormente ao citarem o ato de receber, envolver e integrar o turista. A caridade, variável observada na teoria, não apresenta grande diferença entre os resultados: 21% discordam totalmente, 13% discordam parcialmente, 21% não concordam e não discordam, 23% concordam parcialmente e 22% concordam totalmente.

A compreensão associada ao caráter mercantil foi observada em números mais expressivos com índices de discordância, ou seja, 16% apontamentos de discordo totalmente, 29% discordam parcialmente e 29% dos turistas entrevistados não concordam e nem discordam. A partir dos resultados percebe-se que o caráter mercantil representa pouca expressividade para os turistas entrevistados.

A variável alimentar foi um item de destaque entre os entrevistados, pois alcançou o índice de 23% que a apontaram como expressiva. Vale lembrar que a gastronomia é uma das características mais associadas a Minas Gerais e notada positivamente em pesquisas de satisfação de visitas e eventos, além de alcançar expressão internacional. Reforça-se assim que em Minas “a cozinha assume importância singular como parte de uma identidade” (ABDALA, 2007, p. 36). O resultado apurado denota a associação entre gastronomia e hospitalidade, e sinaliza o viés histórico-social como um traço cultural. O ato de entreter obteve índice de 23% de avaliação, distribuídos entre atrativos turísticos com 13% e atividades culturais com 10%.

As mesmas variáveis consideradas foram observadas também pelo ponto de vista negativo, como forma de checar a clareza da percepção dos sujeitos. Apreende-se que os índices menos pontuados na avaliação positiva são os mais expressivos quando se trata de avaliações negativas e vice-versa. Neste caso, os serviços prestados pelo destino, e que se referem às

necessidades de deslocamento, foram os que obtiveram destaque negativo nas avaliações, sendo eles: 27% limpeza; 24% transportes; 24% em outros – sendo que dentro desta variável a segurança foi o mais indicado, acrescidos de infraestrutura, demora em atendimentos de emergência, e 13% serviços em geral.

Analisando detidamente as expressões espontâneas, constata-se que em 14% das respostas a hospitalidade é tratada como uma forma de integração, e os turistas a consideram como forma de tratamento honrosa e prestativa, e também como dever do anfitrião preocupar-se em integrar o turista no meio visitado. Por outro lado, 12% dos respondentes apontaram a hospitalidade como algo ligado à hospedagem e atendimento sob a lógica comercial. Do ponto de vista estatístico, e se considerados apenas esses dois índices, é possível observar uma certa equanimidade entre o viés mais sociológico e o comercial. Contudo, ao considerar os índices destacados nas análises anteriores, e acrescentando outros 2% que observaram o termo de forma mais ampla e complexa, infere-se por uma associação mais expressiva ao contexto social, o que aproxima a percepção dos sujeitos às apreensões sociológicas e também antropológicas, e que expressa a interação entre visitante e visitado.

Assim, para os turistas que visitam a capital mineira, a percepção de hospitalidade parece estar, de maneira geral, associada ao ato de acolher, receber e integrar o turista ao meio que visita. Além disso, grande parte dos turistas entrevistados compreendem que a hospitalidade está ligada a uma característica do ser humano e a um traço cultural.

Tendo isso em vista, a apreensão dos turistas entrevistados aproxima-se do conceito defendido pela corrente do pensamento francesa, e da visão Marcel Mauss, em sua teoria sobre a dádiva, principalmente a partir da tríade dar-receber-retribuir, que compreende essa relação como um fato social. Para os turistas ela não é vista apenas pela ótica dos aspectos materiais, mas envolve relações sociais. Aproxima-se da compreensão de Derrida de integração no sentido da incondicionalidade. Também se aproximam da ideia de Alain Montandon (2011), que discute a importância primordial da acolhida.

Percebe-se que poucos entrevistados associam de maneira direta a palavra ‘hospitalidade’ à troca monetária, aqui representada por caráter mercantil. É perceptível que os turistas que apresentam uma percepção mais ligada ao caráter econômico da hospedagem são os turistas norte-americanos, isso explica, possivelmente pelo significado de hospitalidade estar, para eles,

atrelado à hotelaria na cultura de seu país. É importante ressaltar que esta percepção não é equivocada, apenas limita a hospitalidade a relações comerciais e prestação de serviços.

Tendo aqui uma percepção geral sobre o que é a hospitalidade para o turista, passa-se à discussão sobre a “hospitalidade mineira”. Procurou-se saber se o turista concordava com a afirmativa de apelo popular e histórico que afirma que o povo mineiro é hospitaleiro. A pergunta teve como foco descobrir o que a “hospitalidade mineira” representava para o turista e questionar se o entrevistado percebe alguma distinção da “hospitalidade mineira” em relação à hospitalidade de outros lugares já visitados.

A ideia de que o povo mineiro é um povo hospitaleiro é característica do senso popular, sendo ela calcada também pela construção da história do estado e seu desenvolvimento. Em estudos sobre a história de Minas Gerais, encontram-se inúmeros registros de viajantes que falam sobre a hospitalidade mineira.

Em estudos anuais sobre níveis de satisfação do turista, divulgados no *site* do Observatório de Turismo de Minas Gerais, a hospitalidade apresenta-se como maior indicador de nível de satisfação por parte do turista, registrando no ano de 2017 a nota 8,9, maior que a de gastronomia, que foi 8,8. (MINAS GERAIS, 2018).

Com base nesta afirmativa, e nos estudos divulgados, foram elaboradas perguntas direcionadas à compreensão da percepção do turista sobre a “hospitalidade mineira”. Inicialmente, procurou-se observar o nível de concordância ou discordância, por meio da escala *likert*, para a afirmativa de que o mineiro é um povo hospitaleiro. Nas respostas obtidas, 71% dos entrevistados concordam plenamente com a afirmativa, 23% concordam parcialmente. A soma desses percentuais totaliza 94% das afirmativas. Esse dado se aproxima do número divulgado pela pesquisa do Ministério do Turismo no ano de 2015, em que 97,6% dos turistas estrangeiros aprovaram a hospitalidade mineira. Vale ressaltar que, diferentemente da pesquisa realizada pelo Ministério do Turismo, a amostra deste trabalho é composta por turistas brasileiros e estrangeiros.

Os respondentes foram convidados a destacar a primeira palavra que lhes vinha à mente ao ouvir a expressão “hospitalidade mineira”. Os resultados podem ser observados na figura 1 a seguir, e demonstram a frequência dos termos mais expressivos.

Figura 1 – *Top of Mind* sobre Hospitalidade Mineira



Fonte: Dados da pesquisa

É possível observar que as palavras que mais apareceram estão ligadas ao acolhimento, gastronomia e variáveis alimentares, gentileza, família, carinho, amabilidade, atenção, conversa e aconchego e afetividade, corroborando as características também ressaltadas pelos estudos sobre a história de Minas Gerais construídas pelos viajantes, como visto no tópico anterior.

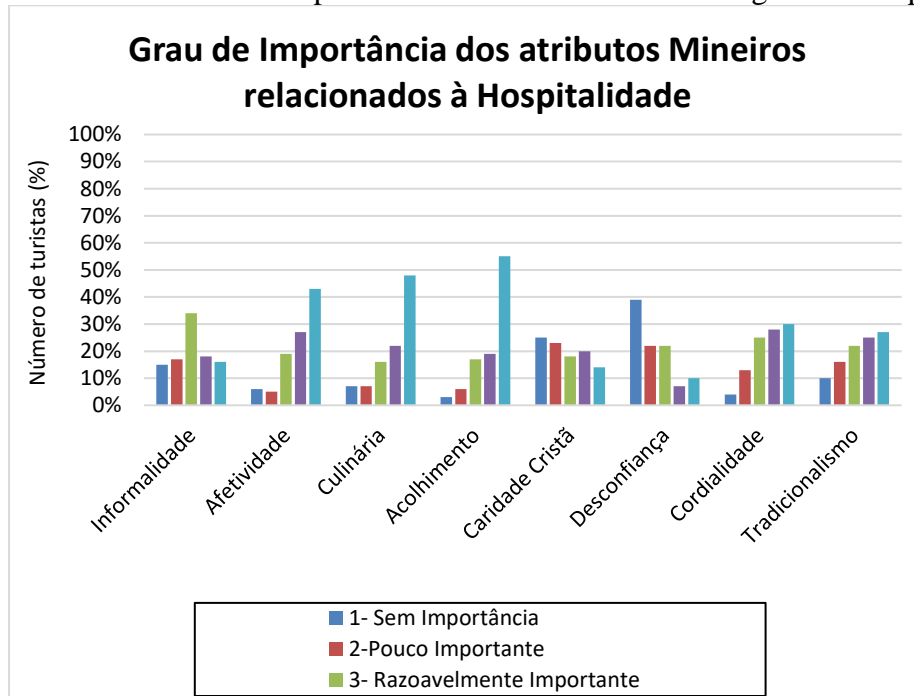
A gastronomia e as variáveis alimentares aparecem como destaque das respostas, depois de acolhimento, reforçando “a associação entre hábito de servir comida como marca de hospitalidade e a caracterização do mineiro” (ABDALA, 2007, p. 45), e ainda com a afirmativa de que “a cozinha constitui um dos pilares centrais, ao lado de elementos consagrados como a hospitalidade” (ABDALA, 2007, p. 163)

Essas palavras demonstram as circunscrições que atribuem sentido e significado para a hospitalidade mineira na percepção dos visitantes. O traço definidor é a proximidade no trato, o que sinaliza que o mineiro acolhe o estrangeiro como um amigo.

Em seguida, buscou-se analisar se as características atribuídas pelos relatos dos viajantes dos séculos passados assemelham-se à perspectiva dos turistas de hoje, e qual o grau de relevância na composição da Hospitalidade Mineira atual.

As respostas reafirmam os traços ligados à hospitalidade entre as características destacadas na hospitalidade regional. Viu-se que de maneira geral o acolhimento é uma etapa. Vale ressaltar que a forma como o turista percebe essa hospitalidade mineira varia de acordo com sua origem, uma vez que as características destacadas pelos turistas são também imbuídas de uma construção histórico-social de cada um deles.

Gráfico 1 – Grau de importância dos atributos mineiros ligados à Hospitalidade



Fonte: Dados da pesquisa

Como anteriormente visto, o acolhimento é uma característica muito citada pelos viajantes em seus relatos. Esse acolhimento é marcado pela afetividade com que são tratados, diferenciando-se de outros lugares. Spix e Martius, em seu livro *Viagem pelo Brasil* (1817-1820), escrevem que “os mineiros, embora isto surpreenda, diferem-se inteiramente pelo caráter e pelo físico dos habitantes de outras capitanias, sobretudo dos paulistas”, e completam “certo garbo, nobre e o seu modo de tratar é muito delicado, obsequioso e sensato; no gênero de vida é sóbrio e parece sobretudo gostar de uma vida cavalheiresca” (SPIX & MARTIUS, 1981 *apud* ARRUDA, 1990, p. 59). Para alguns viajantes, essas características sobressaltadas estão ligadas à ociosidade percebida: “À hospitalidade, de que também é qualidade, responsabilizam o caráter ocioso” (ARRUDA, 1990, p. 54).

A tradição histórica é uma marca frisada na história mineira, como destaca Torres (1963): “contendo um pouco de todas as outras regiões, as Minas Gerais foram e continuam sendo a terra da ordem e da liberdade, das tradições e das esperanças” (TORRES, 1963 *apud* ARRUDA, 1990, p. 70). Pode-se relacionar o pensamento de Torres ao fato da vinda de inúmeros povos para as Minas, alguns em busca de liberdade, outros de riqueza e ainda outros escravizados. Para Arruda

(1990), o mineiro é apegado à força do costume e diz que “O fato de as Minas estarem situadas no centro do império, e, por este motivo, em contato menos imediato com os europeus, os velhos costumes portugueses têm-se aí conservado, ao menos em parte, na sua primitiva singeleza” (DENIS, 1980 *apud* ARRUDA, 1990, p. 86). A cordialidade aqui citada e votada no questionário com expressiva representação vem para exemplificar a fala de Holanda sobre o “Homem Cordial”.

Apesar de serem considerados informais e desconfiados, essas características não são destacadas pelos turistas, por isso são pouco expressivas, como mostra a figura 2. Além disso, a caridade cristã – representada na história da hospitalidade mineira – é tratada assim como no tempo bíblico e na Idade Média: uma forma de assegurar a salvação e não é tão expressiva para os turistas quando falam sobre Hospitalidade.

Os respondentes foram convidados a responder: “Para você a hospitalidade recebida em Minas Gerais é diferente de outros lugares que você já visitou?”. As respostas apontam que 43% concordam plenamente, destacando o jeito mineiro de receber e acolher as pessoas de fora, e a forma mais “sincera” em receber; 34% concordam parcialmente, reforçando a diferença no trato, na atenção e no cuidado; 19% não concordam e nem discordam e justificam dizendo não haverem pensado sobre o assunto; 3% discordam e 1% discordam totalmente da pergunta.

Gráfico 2 – Diferença percebida entre a hospitalidade Mineira e outros lugares já visitados



Fonte: Dados da pesquisa.

Partindo destas respostas, em seguida perguntou-se aos entrevistados que haviam respondido de maneira afirmativa à questão anterior “Qual a distinção percebida?”. As respostas recebidas apontam a singularidade no receber, no acolher, na gentileza recebida por parte dos anfitriões mineiros. Como mostra o quadro de frequência de palavras a seguir:

Figura 2 – Distinção percebida acerca da hospitalidade Mineira



Fonte: Dados da pesquisa.

Por meio da nuvem de palavras, fica evidenciado que os turistas ressaltam como distinção a comunicação, a simpatia, o carinho, a bondade, a companhia e o acolhimento, e explanam ser um traço cultural. Além disso, a palavra ‘Pessoas’ se sobressai, destacando-se dentre as outras, o que pode ser explicado devido ao tratamento dispensado aos visitantes. O lado humano fica marcado como distinção percebida, reforçando a discussão teórica sobre a hospitalidade, que não se trata apenas de caráter mercantil. Dentre as respostas, vale destacar uma: “A discrição é um traço muito forte dos mineiros. Por mais íntimo ou familiar que você seja de um mineiro, ele nunca virá invadir sua vida particular ou sair perguntando algo” Q. 95.

Pensando sobre esta última resposta, cabe uma reflexão sobre a questão da imposição de limites. Para Grassi, hospitalidade implica na “penetração num espaço e a instalação de um ritual de acolhida” (GRASSI, 2011, p. 45); este ato consiste em concessões e regras, de tal forma que permite-se a entrada do visitante no espaço, mas com certos limites. A essa permissão com reservas chamamos soleira da hospitalidade, que consiste em permitir que o outro tenha acesso até certo ponto. Desta maneira, a fala do turista remete a estes limites que compõem uma hospitalidade estipulada para relação anfitrião-hóspede. Transpor esta soleira significa ser aceito, ganhar reconhecimento e quebrar algumas barreiras da hospitalidade. Para Grassi, a hospitalidade

como um fato social possui dois aspectos: “(...) de um lado, a hospitalidade é mítica, incondicional, abençoada pelos deuses, recompensada por Deus; do outro lado, a hospitalidade tem sua realidade, é ato sob condição, e esses dois aspectos estão estreitamente presentes ao longo dos séculos” (GRASSI, 2011, p. 52). Portanto, como a hospitalidade no geral possui limites, a hospitalidade mineira também terá limites impostos.

Tendo em vista as respostas, é possível relacioná-las à visão do autor Praxedes, que defende que os valores orientam a conduta entre a relação anfitrião-visitante:

Sempre que os humanos se relacionam, mesmo para a realização de atividades práticas ligadas a receber ou visitar alguém ou um local, o relacionamento depende dos valores daqueles que estão interagindo, ou seja, depende dos princípios que orientam as condutas dos envolvidos na relação (PRAXEDES, 2004, p. 2).

Desse ponto de vista, a teoria Maussiana – por meio de seu amplo material etnográfico – apresenta cada cultura como um povo que molda suas próprias práticas e ritos da hospitalidade, diferenciando-os em relação a outros povos e culturas. Ou seja, infere-se que cada povo irá apresentar uma forma de hospitalidade baseada em sua cultura, seus valores, suas crenças e suas particularidades. Corroborando esta ideia, Camargo, por sua vez, pondera que

hospitalidade é um processo de comunicação interpessoal, carregado de conteúdos não verbais ou de conteúdos verbais que constituem fórmulas rituais que variam de grupo social para grupo social, mas que ao final são lidas apenas como desejo/recusa de vínculo humano (CAMARGO, 2004, p. 31).

Portanto, as características intrínsecas aos mineiros interferem na construção da hospitalidade oferecida, caracterizando-a como diferente em relação a outros estados e culturas. No princípio, a hospitalidade ofertada por estes caracterizava-se pelo interesse: social, da salvação cristã, mas que se modificou ao longo do tempo, dando lugar a novas compensações.

6 Comparação entre a perspectiva histórico-social e a perspectiva do turista

Traçando uma comparação entre a percepção do turista e as características atribuídas à hospitalidade mineira, percebe-se que os visitantes possuem uma compreensão que ressalta o acolhimento, a culinária, a cordialidade e o afeto, o tradicionalismo e a preocupação em aproximar-se do turista. Comparando essa percepção com a fala de Magalhães e Pires (2008), que apresentam a hospitalidade mineira como sempre lembrada por “acolher os visitantes com

cortesia, com boa conversa, além de ‘empanturrá-los de comida’” (MAGALHÃES & PIRES, 2008, p. 188), percebe-se que a perspectiva tanto dos turistas como dos pesquisadores é similar nesse aspecto.

A culinária, lembrada tanto em relatos mais antigos quanto nas respostas dos turistas, pode ser explicada por meio dos estudos da hospitalidade que afirmam que “a refeição é rito de integração, e ser excluído da mesa é, em muitos aspectos, ser excluído de uma sociedade” (GRASSI, 2011, p. 50).

Em Minas Gerais, o rito de servir o convidado com uma mesa farta pode ser entendido como um rito da hospitalidade, mas também como reflexo de um contexto de dificuldade de abastecimento do período aurífero.

Aspectos como o caráter informal, permeado de gentileza, envolto de ritualismo e interesse, advindos do personalismo e do paternalismo destacados por Holanda e Freyre, bem como a obrigação religiosa e militar, que são trazidos pela construção histórica, não se apresentam como atributos que compõem a hospitalidade para o turista de hoje.

Assim como na construção histórico-social, qualidades como afabilidade e cordialidade também são percebidas pelos turistas, que as destacam no tratamento recebido e consideram um diferencial em relação a outros lugares. Alguns turistas compreendem que a diferença de hospitalidade recebida em Minas Gerais se deve a fatores culturais. Os autores Halfeld e Tschudi ressaltam que o “mineiro também se distingue de seus compatriotas por um caráter mais aberto e confiável; e sua hospitalidade é proverbial” (HALFELD & TSCHUDI, 1998, p. 107 *apud* PIRES, 2017, p. 409).

Sob a ótica dos conceitos e estudos da hospitalidade, pode-se aproximar essas perspectivas à compreensão de Camargo ao afirmar que ela “assume sua face mais nobre na moral humana, a de costurar, sedimentar e vivificar o tecido social e coloca em marcha esse processo sem fim que alimenta o vínculo humano” (CAMARGO, 2004, p. 24), e também de Praxedes (2004, p. 2), sobre como o “relacionamento depende dos valores daqueles que estão interagindo”.

Ambas as perspectivas se aproximam dos estudos da corrente do pensamento francês ao explanarem suas percepções ligadas ao acolhimento, a traços e tradições culturais e às relações anfitrião-hóspede. No entanto, ao considerar os turistas que percebem traços mercantis, a

percepção aproxima-se do conceito de Lashley e Morrison (2004), que defendem a ideia de que a hospitalidade não pode ser somente ligada à dádiva e à gratuidade, por estar ligada também a trocas monetárias. Nas respostas recolhidas na pesquisa, contudo, está compreendida a importância das relações e da cultura nas relações de acolhimento.

7 Considerações finais

O presente trabalho procurou compreender a percepção de hospitalidade mineira para o turista que visita Belo Horizonte. Para isso, buscou-se compreender as origens da concepção histórico-social do caráter hospitaleiro relacionada ao povo mineiro, por meio de revisão bibliográfica. Assim, identificou-se que os mineiros são considerados de hospitalidade notável desde a chegada dos primeiros viajantes através de seus relatos históricos, e que o contexto de povoamento da região das minas propiciou o afloramento de características que compõem a figura do povo mineiro, como acolhedor, tradicional, receptivo, cordial, acostumado com a presença de viajantes, integrador devido à miscigenação, desconfiado, ligado à ideia de personalismo e ligado à culinária.

Com intuito de entender a percepção do turista, desenvolveu-se a pesquisa de campo. A análise buscou assimilar o que era hospitalidade de maneira ampla para os turistas, dialogando com essas percepções coletadas com os estudos empíricos sobre o assunto. Posteriormente, buscou-se assimilar o que os turistas compreendem como hospitalidade mineira, trazendo para análise a perspectiva histórico-social a fim de estabelecer uma comparação, demonstrando os resultados que, para o turista, a hospitalidade de maneira abrangente, é associada ao ato de acolher, receber e integrar o visitante no meio visitado. Grande parte dos turistas entrevistados compreendem que a hospitalidade está ligada a uma característica humana, um traço cultural.

Portanto, em análise, percebeu-se que a noção de hospitalidade para os turistas que responderam ao questionário aproxima-se dos estudos da corrente do pensamento francesa. Isso ocorre porque a compreensão dos sujeitos da pesquisa estava relacionada ao acolhimento e a valores culturais, entre outros.

Além disso, evidenciou-se que um número reduzido de entrevistados associa, de maneira direta, a temática com troca monetária – aqui representada por caráter mercantil. Essa percepção

aproxima-se da concepção de hospitalidade defendida pela corrente norte-americana. Vale ressaltar que esta percepção não é errada, apenas limita a Hospitalidade a relações comerciais, à prestação de serviços e à qualidade destes.

Na análise dos dados voltados à hospitalidade mineira, que está associada ao ato de acolhimento, ao bem receber, aos ritos de acolhimento que envolvem a tradição culinária, ao interesse no outro, à aproximação com o turista através da conversa, ao personalismo, ou seja, à mineiridade.

Comparando a hospitalidade mineira da construção histórico-social com a percepção dos turistas, é interessante destacar que as principais noções de hospitalidade convergem.

À luz da discussão teórica, viu-se que as perspectivas se aproximam dos estudos da corrente do pensamento francês, mas ao considerar os turistas que percebem traços mercantis ligados à hospitalidade, essa percepção aproxima-se do conceito dos autores Lashley e Morrison (2004).

Assim, por meio deste estudo, foi possível entender a percepção dos turistas sobre a hospitalidade mineira e, conseqüentemente, compreender como os traços culturais podem influenciar no tratamento dispensado aos turistas que visitam Belo Horizonte, e ainda como essa relação influencia a experiência turística (de maneira positiva ou negativa) e a percepção destes sobre a hospitalidade mineira.

Referências

ABDALA, Mônica C. **Receita de Mineiridade**: a cozinha e a construção da imagem do mineiro. 2 ed. Uberlândia: EDUFU, 2007.

ANDRADE, Davi A. C.; POLO, Edison F. A hospitalidade na hotelaria à luz da teoria da Resource Based View: dimensões e variáveis para a pesquisa empírica. **ANAIS DO SEMINÁRIO DA ANPTUR – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. 2016. Disponível em <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/612.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2019.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da Mineiridade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

AUGUSTO, Maria Helena O. Apresentação. In: ABDALA, Mônica C. **Receita de Mineiridade**: a cozinha e a construção da imagem do mineiro. 2 ed. Uberlândia: EDUFU, 2007.

BASTOS, Senia Regina; RAMEH, Ladjane Milfont; BITELLI, Fabio Molinari. O conceito de hospitalidade de Jacques Derrida nos artigos científicos do Portal de Periódicos da Capes. **ANAIS DO SEMINÁRIO DA ANPTUR – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**. 2016. Consultado em agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/612.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Hospitalidade dos mineiros de BH foi aprovada por 97,6% dos estrangeiros**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/5706-hospitalidade-dos-mineiros-de-bh-foi-aprovada-por-97,6-dos-estrangeiros,-revela-pesquisa.html>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

BRUSADIN, Leandro Benedini. O estudo da hospitalidade por Luiz Octávio de Lima Camargo: epifania da dádiva. *Revista Hospitalidade*, v. 13, n. 2, p. 242-247, ago. 2016. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/614>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. **Hospitalidade**. Coleção ABC do Turismo. São Paulo: Aleph, 2004.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. A pesquisa em hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano V, n. 2, p. 15-51, jul.- dez. 2008. Disponível em <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/151>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. O estudo da hospitalidade. In: MONTADON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade: a acolhida ao estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Senac, 2011.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, v. XII, número especial, maio 2015. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/574>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

COSTA, E. R. C. Comensalidade: a dádiva da hospitalidade através da gastronomia. **CULTUR**, ano 9, n. 2, jun. 2015.

CHON, K. S.; SPARROWE, R. T. **Hospitalidade: conceitos e aplicações**. Tradução de Ana Beatriz de Miranda e Silva Ferreira. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

DENCKER, Ada de Freitas; BUENO, Marielys S. (Org.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

DERRIDA, Jacques. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Cosmopolitas de todos os países mais um esforço!** Coimbra: Minerva, 2001.

FINK, Arlene. **The Survey handbook**. Thousand Oaks: Sage, [The Survey Kit, v. 1], 1995.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

FRANCO, Patrícia; PRADO, Juliana. **A hospitalidade e a cordialidade**: reflexões sobre o Brasil. 2007. Disponível em <<http://www.ibhe.com.br/assets/conteudo/uploads/a-hospitalidade-e-a-cordialidade,-reflexoes-sobre-o-brasil---200755d1f86db0909.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Global, 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRABOIS, Pedro Fornaciari. Pensar o acolhimento: uma leitura da filosofia de Jacques Derrida. **Inquietude**: Revista dos Estudantes de Filosofia da UFG, Goiânia, v. 4, n. 1, jan.-jun. 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/19867364/Pedro_Fornaciari_Grabois_-_Pensar_o_acolhimento_uma_leitura_da_filosofia_de_Jacques_Derrida>. Acesso em: 12 nov. 2019.

GRASSI, M.-C. Transpor a soleira. In: MONTANDON, A. (Org.). **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Editora Senac. 2011. p. 45-62

HADDOCK-LOBO, R. **Jacques Derrida Sobre a hospitalidade**: Derrida leitor de Lévinas [entrevista com Rafael Haddock-Lobo, à revista IHU ON-LINE], 2005. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158348701.54pdf.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Edição comemorativa 70 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IGLESIAS, Francisco. **Três séculos de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, 1985.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Org.). **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. Barueri: Manole, 2004.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.

MAGALHÃES, S. M. & PIRES, M. C. (2008). Patriazinha: a formação da identidade do mineiro. **Revista Área Doméniu**, Tomar/Portugal – Anais do Congresso Euro-Brasileiro de Gestão do Patrimônio Cultural, v. 3, p. 187-203, 2008.

MINAS GERAIS. Observatório do Turismo de Minas Gerais. **Dados e Fatos. Anuário de 2018**. Abril de 2019. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/u0lmrybcv41kqem/Anu%C3%A1rio%202018.pdf?dl=0>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

MINAS GERAIS. Observatório do Turismo de Minas Gerais. **Pesquisa de demanda: nível de satisfação dos visitantes**. Disponível em: <https://seturng.wixsite.com/observatorioturismo/nivel-de-satisfacao-dos-visitantes>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

MONTANDON, Alain. **O Livro da Hospitalidade: Acolhida do Estrangeiro na História e nas Culturas**. SENAC. São Paulo: SENAC, 2011.

OLIVEIRA, Carlyle; MARTINS, Paulo. A Hospitalidade e Cordialidade Brasileira: o Brasil percebido por estrangeiros. **Turismo em Análise**, v. 20, n. 2, p. 196-209, agosto 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14181>>. Acesso em: 10 set. 2019.

OLIVEIRA, Ana Carolina; SANTOS, Marcia. No panorama conceitual da hospitalidade, a presença de novos aportes teóricos. **Anais do VI seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul. Saberes e fazeres no turismo: interfaces**. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/01/No%20panorama%20conceitual%20da%20hospitalidade.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

PLENTZ, R. S. O Papel da Hospitalidade na Busca de Um Outro Turismo. In: III Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 2005, Caxias do Sul. **Anais do II SEMINTUR - CD ROOM do Evento - GT 8**. Caxias do Sul, 2005.

PIRES, Maria do Carmo. Das Viagens dos Cientistas no Século XIX aos Modernistas: a Mineiridade e o Despertar do Turismo das Cidades Históricas de Minas Gerais, Brasil. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, v. 9, n. III, p. 405-416, jul.-set. 2017.

PORTES, Bruce Souza. **Barroco, queijo e goiabada: A construção conceitual de um barroco mineiro: Affonso Ávila e a revista Barroco - 1969 a 2000**. São João del Rei – MG, 2016.

PRAXEDES, W. Reflexões sociológicas sobre a hospitalidade. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 2, n. 37, jun. 2004

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

REIS, Liana M. Mineiridade: identidade regional e ideologia. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 9, n. 11, p. 89-97, 1º sem. 2007. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/2886/3141>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **"Durkheim e o Fato Social"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/durkheim-fato-social.htm>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

SANTOS, José. **Turismo e Hospitalidade: Um estudo de caso da rede cama & café em Santa Tereza (RJ)**. Roberto dos Santos Bartholo Jr. 2005. Dissertação de Pós-Graduação (Mestrado em Ciências em Engenharia de Produção), Universidade Federal do Rio de Janeiro – COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, A. P. G. S.; FONSECA, N. R. V. A construção histórico social da hospitalidade mineira e a percepção dos turistas que visitam Belo Horizonte. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, volume 17, n.03, p. 74-102, 2020. Doi: <https://doi.org/10.21714/2179-9164.2020.v17n3.004>

SILVA, Beatriz Flexa R. P.; BRUSADIN, Leandro B. A hospitalidade mineira contemporânea sob a percepção dos turistas em Ouro Preto (MG): Generosidade X Profissionalismo mercantil? **Revista TuryDes: Turismo y Desarrollo local**, v. 9, n. 20, jun. 2016). Disponível em: <<https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/9319>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

Artigo recebido em: 05/05/2020

Avaliado em: 14/05/2020

Aprovado em: 01/08/2020